



António
Castro

Na altura só havia 3 sítios para trabalhar em Oliveira de Azeméis: fabricar calçado em casa, no Centro Vidreiro e na Agricultura. Na década de 50 surgem os moldes para plásticos.

Eu fui lavrador e fui sapateiro no tempo em que se faziam os sapatos em casa. Os sapateiros iam às fábricas buscar material e faziam os sapatos em casa, numa média de 7 ou 8 pares por semana.

Lembro-me dos sapatos (sabrinas), do tipo dos sapatos do tipo ballet, que eram pagos a 7\$50 o par. Os outros sapatos eram mais caros, na ordem dos 20\$00.

Quando acabei o curso fui trabalhar para o Centro Vulcano, que era uma continuação do Centro Vidreiro. Depois fui para a Oliva e montei uma oficina de serralharia em Nogueira, com um colega. Três meses depois esse colega quis ficar sozinho com a oficina e acabou por ficar.

Foi nessa altura, em 1962 ou 1963, que fui para a Escola Industrial de Espinho ensinar serralharia. No ano seguinte abriu a Escola Industrial de S. João da Madeira e eu fui para lá.

Eu era amigo pessoal do Belmiro da Costa Neves. Era um senhor de Oliveira de Azeméis que tinha o curso industrial. Se hoje ainda fosse vivo teria à volta de 80 anos.

Sei que, nos anos 50, o Belmiro da Costa Neves era solteiro quando regressou da Marinha Grande e montou a primeira oficina de moldes para plásticos em Oliveira de Azeméis, num casinha velha ao lado da Igreja de Oliveira de Azeméis, rua da Igreja Matriz. Trabalhavam lá de 2 ou 3 pessoas com um torno, um limador e uma máquina de furar. Eram as ferramentas primitivas que haviam naquele tempo.

Entretanto chegou da Marinha Grande o Sr. Elísio Gomes Rodrigues, que era irmão do Sr. Lúcio, da Moldoplástico, também para montar uma fábrica aqui em Oliveira de Azeméis.

BELMIRO DA COSTA NEVES E
ELÍSIO RODRIGUES



OLIVA Comecei a trabalhar no Centro Vulcano em 1953, na serralharia de maquinação de adufas - era lá que se faziam as peças grandes para as canalizações, mas para além disso sei que se começaram também a fabricar moldes de plásticos.

Trabalhei no Centro Vulcano durante três anos. Depois fui trabalhar para a Oliva durante cinco anos. Tomei conhecimento através de uma carta em que se mencionava a necessidade de pessoal para a Oliva, e entrei na Oliva após as provas de admissão correspondente à função, No início estive lá a trabalhar no fabrico, na parte de maquinação, mais tarde foi colocado na montagem e na afinação de máquinas de costura.

Anos depois concorri à Escola Industrial de Espinho, fui aceite e foi dessa forma que entrei para o ensino.

CENTRO VULCANO Durante o tempo em que trabalhei no Centro Vulcano recordo-me que eu era muito novo e os meus colegas eram mais velhos do que eu. Comecei por ganhar 14 escudos e 40 centavos por dia. Depois, passado pouco tempo, já ganhava 17 escudos e passado um ano fui aumentado para 20 escudos, enquanto que os meus colegas foram aumentados para 22 escudos. Fui ter com o Sr. Mateiro e questionei-lhe qual seria a razão de eu trabalhar o mesmo que os meus colegas e ganhar menos do que eles, ao que ele respondeu que a razão era porque eu era mais novo.

Entretanto quando tive a possibilidade de ir trabalhar para a Oliva, com o ordenado de 24 escudos por dia, dirigi-me de novo ao Sr. Mateiro, para me despedir. Ele respondeu-me com a proposta de ficar lá a trabalhar pelos mesmos 24 escudos. Disse-lhe que agora já era tarde e que eu iria mesmo para a Oliva em São João da Madeira. Recordo-me que ele achou estranho eu optar por ir trabalhar para tão longe, visto que o Centro Vulcano era em Oliveira de Azeméis.

Quando mais tarde sai da Oliva, e me preparava para me candidatar à escola industrial, eu fui ter de novo com o Sr. Mateiro, para lá trabalhar. Recordo-me que

existia a tradição de quem saísse do Centro Vidreiro nunca mais lá seria aceite, mas na verdade o Sr. Mateiro abriu uma excepção. Voltei a trabalhar lá durante 3 meses. Lembro-me, no entanto, que víamos o Sr. Mateiro muito raramente. Lembro-me que ele não falava com ninguém, apesar de ser uma pessoa acessível.

Na minha primeira fase em que trabalhei no Centro Vulcano acabei por conhecer várias pessoas que mais tarde singraram nos moldes, dos quais menciono o Marinho, o Lúcio, o Landeau, o Santos Godinho. Tornei-me amigo pessoal de muitos outros: Álvaro Pinho, Mário Rebelo, Armindo Pinho e outros.

Eu fui lavrador e fui sapateiro no tempo em que se faziam os sapatos em casa. Os sapateiros iam às fábricas buscar material e faziam os sapatos em casa, numa média de 7 ou 8 pares por semana. Lembro-me dos sapatos (sabrinas), do tipo dos sapatos do tipo ballet, que eram pagos a 7\$50 o par. Os outros sapatos eram mais caros, na ordem dos 20\$00.

Entretanto o Landeau e o Lúcio saíram do Centro Vidreiro, arranjaram um cunhado do Lúcio como sócio e que emprestou 40 contos, e começaram com uma oficina onde hoje é uma casa de bicicletas. Entretanto a oficina estava a desenvolver-se bem, mas os dois continuavam a pedir dinheiro ao sócio para investir em novas máquinas. O sócio estava muito reticente pois preferia receber os lucros que a empresa tinha vindo a fazer, mais do que ter que investir ainda mais para a fábrica assim evoluir. Entretanto surgiu, vindo da Venezuela, o Senhor Carreira a quem pediram 100 mil escudos, que se tornou sócio. O seu filho Carlos e o neto António Rodrigues viriam mais tarde a formar a Simoldes. MOLDOPLÁSTICO

Sei que, nos anos 50, o Belmiro da Costa Neves era solteiro quando regressou da Marinha Grande e montou a primeira oficina de moldes para plásticos em Oliveira de Azeméis, num casinha velha ao lado da Igreja de Oliveira de Azeméis, rua da Igreja Matriz.

Um dia eles (o Landeau e o Lúcio) foram a uma feira a Itália. Quando chegaram tinham saído cinco funcionários da fábrica: saíram o António Rodrigues, o Sr. Carlos, o José Maria da Santos Godinho, o Marinho e o Lemos, e assim fundaram a Simoldes. Mais tarde o Marinho e o Lemos saíram da Simoldes. Penso que o Marinho ainda chegou a ter uma sociedade, mas mais tarde foi para a Venezuela, e o Lemos ficou com a representação de uma firma lisboeta. SIMOLDES

Assim restaram o Sr. Carlos, o António Rodrigues e o Santos Godinho que mantiveram a Simoldes. O Santos Godinho era o responsável pelos clientes, viajava muito pelo país e por Espanha. Um dia ele teve um acidente de automóvel muito complicado e que implicou a morte de uma pessoa, o que o deixou bastante abalado. Entretanto o sogro dele regressou da Venezuela e construiu um pavilhão Espinheira onde se instalaram.

Um dia o Santos Godinho confessou-me que iria abandonar a Simoldes pois apesar de estar tudo a correr muito bem, ele não aguentava aquela vida. Dizia que o António tinha um dinamismo fora de série e que ele não o conseguia acompanhar. Com o di-

nheiro que recebeu, ele construiu um prédio a seguir à Ford (em Oliveira de Azeméis).

Entretanto a Simoldes continuava a desenvolver-se, e compraram outro terreno (a 40 escudos por m²), para as novas instalações - onde ainda hoje estão implantados. Passado alguns anos, eu estava no Furadouro com alguns amigos, entre eles o Carlos Carreira, da Simoldes, que tinha comprado ali uma casa e que nos convidou para lá ir beber um Alvarinho.

Contou-nos que tinha vendido a parte dele ao sobrinho. No negócio ficou também acordado que em compensação o Carlos ficava com a Ancal, que era a parte de injeção de plásticos mas ainda estava hesitante se tinha feito boa escolha.

TAPIOL Em Fevereiro de 1973 o Sr. Joaquim Santos, encarregado geral da empresa Tapiol, saiu da empresa por divergências com proprietário da fábrica, que era seu tio. Eu fui da escola industrial, onde ensinava, para a Tapiol, para tomar conta da fábrica. A Tapiol fabricava cobses artísticos, louça de alumínio e acessórios para candeeiros ou baldes de gelo.

Como professor eu ganhava 4.300\$00 e quando fui para a Tapiol fiquei a ganhar 8.000\$00.

Um dia o Santos Godinho confessou-me que iria abandonar a Simoldes pois apesar de estar tudo a correr muito bem, ele não aguentava aquela vida. Dizia que o António tinha um dinamismo fora de série e que ele não o conseguia acompanhar.

Em 7 de Agosto de 1973 o patrão da Tapiol morre e ficou um genro dele com a fábrica. Ele ficava em Lisboa e eu ficava na fábrica com 130 pessoas a meu cargo. Nessa altura tínhamos 3 encarregados, um de cada sector e tínhamos uma serralharia que estava sob a minha dependência e onde eu desenhava os moldes para a fabricação do cobre.

Todos os dias pela manhã, eu passava pela fábrica e falava com os trabalhadores. Estávamos na altura do 25 de Abril e uma manhã, ao passar pela fábrica, perguntei a um dos operários se estava tudo a correr bem. Ele disse que sim e perguntou-me quem é que mandava na fábrica. Olhei para ele e disse-lhe que quando o patrão estava na fábrica, mandava ele. Quando não estava, mandava eu. Ele perguntou-me então se eu mandava, eu disse que sim e ele respondeu-me que eu devia mandar só naquele dia.

Fiquei um pouco abismado mas não reflecti. Pouco depois cheguei junto dele



Eu fui da escola industrial onde ensinava para a Tapiol, para tomar conta da fábrica. A Tapiol fabricava cobres artísticos, louça de alumínio e acessórios para candeeiros ou baldes de gelo.

e perguntei-lhe como era isso. Ele disse-me que era como dizia: eu mandava hoje, mas amanhã já não mandava.

Perguntei-lhe então se hoje eu ainda mandava e ele disse que sim. Nesse momento mandei-o para a rua. Telefonei ao patrão. que veio de imediato para a fábrica, reunimos e fizemos uma lista de pessoas que podiam destabilizar a fábrica e mandámos cerca de 30 pessoas para a rua.

Entretanto o patrão passou-me uma procuração para tratar de todos os assuntos nos tribunais e nos sindicatos. A certa altura um funcionário do sindicato dos metalúrgicos disse-me "eu hei-de te roer todo até aos ossos". Eu respondi-lhe que ele nem nos calcanhares me tocava.

Chegámos a acordo com as pessoas, mas quatro decidiram ir para tribunal e infelizmente saíram de lá prejudicados porque nós mandámos as pessoas para a rua com os contractos antigos, em que as mulheres ganhavam 2.200\$00 e nós dávamos uma indemnização entre 25 e 28 contos, como estava na lei. Os sindicatos exigiam 70 contos e fomos para tribunal, e aí as pessoas receberam apenas 12 ou 13 contos, porque do valor de iriam receber tinham de deduzir os custos de tribunal que eram muito elevados. Uma delas chamou ladrão ao juiz e teve voz de prisão.

Entretanto tudo acalmou e comecei a desentender-me com o patrão. Saí da Tapiol e montei uma fábrica com um sócio. Depois entra para sócio um engenheiro que quis mandar só por ser engenheiro. Como não percebia nada daquilo, as coisas começaram a correr mal e eu saí

Era um 12 de Maio, altura da peregrinação a Fátima, e porque nesse dia não tivemos aulas, eu e uns colegas decidimos contar os carros que passavam na estrada nacional N°1 entre as 10 e as 12 horas da manhã, recordo-me de que passaram 40 carros, movimento extraordinário para a época.

Bento Carqueja era de Oliveira de Azeméis. Tem uma estátua no largo da Câmara. Fundou o jornal "Comércio do Porto" e para ter papel para esse jornal fundou a fábrica do papel do Caima, em Palmaz.

ESCOLA INDUSTRIAL

Mandou construir uma escola primária e criou uma escola de artes e ofícios. Era das poucas escolas industriais do país nessa altura. Deu o nome de "Comércio do Porto" à escola industrial. No terceiro ano de aluno foi criado o curso comercial e ficou o nome de "Escola Industrial e Comercial de Oliveira de Azeméis". Enquanto fui aluno da escola industrial, era frequentada por cerca de 170 alunos. Daí saíram muitas pessoas que foram meus colegas e alguns passaram a empresários.

Na altura falecia a filha do Bento Carqueja, fundador da escola industrial. Era um 12 de Maio, altura da peregrinação a Fátima, e porque nesse dia não tivemos aulas, eu e uns colegas decidimos contar os carros que passavam na estrada nacional N°1 entre as 10 e as 12 horas da manhã, recordo-me de que passaram 40 carros, movimento extraordinário para a época.

António José Soares de Castro

